

A lenda das Cinco Cruzes

Cristiane Betemps

Soltou a mala sobre o chão úmido. Descobriu a cabeça envolvida em um manto grosso e rústico. Tirou os óculos de sol e realizou uma visão panorâmica do lugar. Chegara, enfim, a Bagé. Conquistas importantes para a pecuária gaúcha tinham se realizado na antiga Fazenda Cinco Cruzes. Caminhou mais alguns metros e avistou o reservatório de água que jorrava em abundância. Importado da Austrália, provavelmente na década de 30, ainda cumpria sua função.

Maria percorreu a propriedade saboreando os detalhes dos prédios em estilo europeu. Conheceu os moradores da Fazenda. Identificou os campos naturais, os rebanhos e as pastagens cultivadas. Confirmou suas expectativas e curiosidades. Encontrou também espaço para deter-se nas histórias do passado. Levada pelo funcionário João até a casa histórica, do antigo dono daquelas terras, buscava um tema para sua reportagem.

Quando entrou na morada, sentiu uma sensação diferente. Algo chamava-lhe a atenção para as paredes e janelas da casa alta e escura. Não entendia muito bem. Havia alguma coisa que lhe dizia para ficar.

– João, posso me hospedar nesta casa? perguntou a moça entusiasmada com a idéia.

– Claro! Mas está tudo muito sujo e abandonado. Vai precisar de uma limpeza e o pessoal diz que a casa está fechada há alguns meses, desde que o último funcionário aposentou-se. Parece que ele foi embora porque a filha enxergava assombração.

– Sinto que tenho muito o que aprender nesta fazenda, falou Maria, pronta para começar a limpeza e alojar-se.
– Quanto tempo você pretende ficar aqui ?
– Não mais do que dois dias. Depois, retorno à capital. Mas, sinto que renderão uma boa matéria jornalística.

Então, começou a arrumar o quarto onde se instalaria. Por alguns instantes, deteve-se a olhar a lareira da casa. Visões muito nítidas das reuniões familiares. Conversas e risadas. O vinho tinto bebido ao calor do fogo. Histórias contadas por uma velha senhora de cabelos muito brancos. Quando se deu conta, estava no meio da sala rindo não sabia bem de quê.

A jovem investigou o banheiro. Descobriu um espelho. Novamente surgiram imagens como uma nuvem ao cobrir o céu. Enxergou um momento romântico. Um homem de bigodes, acariciava e lavava os pés de uma mulher, durante um banho de espuma. Ele a beijava com delicadeza. Ela correspondia aos carinhos do amante e um clima sedutor e de ternura umedecia os azulejos portugueses.

Maria abriu os olhos. Viu-se no espelho. Suava muito. Não havia enxergado o rosto da mulher na banheira, mas temia reconhecê-lo. Aquela cena a perturbava. Foi à cozinha e bebeu rapidamente um copo d'água. Buscou pensamentos que lhe dessem equilíbrio. Acreditava estar misturando ficção com realidade.

Anoitecera. Sentada na varanda tinha uma vista ampla dos vários pontos luminosos da Vila Industrial e da cidade. As estrelas pincelavam a escuridão. Sentia-se observada. O céu parecia mais próximo. O olhar se perdeu entre a magia do infinito e a noite fria.

Entendi que chegava a hora de sair. Sabia que alguém me procurava. Necessitava de ajuda. Saí de camisola branca

como de costume. Assim, identificavam-me com maior facilidade. Já estavam acostumados com minha presença na madrugada.

Percorri os campos da fazenda. Quando vi estava afastando os pesadelos do menino. O crime no Galpão da Cavalaria. O medo e a ansiedade não socorriam os personagens de seus pesadelos. A criança chorava muito. Com o meu poder, foi se acalmando, até ficar bem tranqüila. O fato havia acontecido há muitos anos, tratando-se da morte de dois jovens. A causa seria a presença de uma mulher de branco que aparecia todas as noites a fim de tentá-los. Um dia, tendo bebido em excesso, um deles querendo afugentar o espectro da bela mulher, atingiu o outro acidentalmente. Dizem que a arma do crime está escondida até os dias de hoje no galpão.

O seu companheiro inseparável suicidou-se no mesmo local. Moradores falam que a mulher de branco, após a tragédia, caminha pelos campos a procura de fazer o bem, já que se sente cúmplice daquele mal.

Maria percebeu um raio de luz. Havia chegado o dia. Sentiu um formigamento nas mãos. Os braços estavam doídos. Seria da limpeza na casa ou de suas aventuras à noite? Não tinha uma resposta exata. Havia uma confusão de idéias. Estaria mesmo, ali? Espiou. Fechou rapidamente os olhos verdes. Devagarzinho os foi abrindo. Ao olhar para o teto, concluiu que estava no quarto. Sentiu um alívio no peito. Relaxaram-se mãos e pernas. Achou engraçados seus sonhos aventureiros.

Ao amanhecer, saiu à varanda com entusiasmo. Os moradores passavam e a olhavam estranhamente. Não entendia tal reação. Talvez não estivessem acostumados a

ver uma mulher de camisola. Voltou para casa e pensou sobre seus sonhos confusos. Achou melhor acreditar que coisas do passado tinham despertado sua imaginação. Melhor seria pensar que fora um sonho.

Mexeu no cabelo. Lembrou da imagem da mulher no banho de espuma. De repente, descobriu-lhe o rosto. As feições. A beleza. Tudo era seu. Sabia que a força daquela casa tinha um significado especial. Olhou para baixo. Perplexa, tocou nos pés sujos de terra. A noite lhe reservara um destino que mais tarde os jornais iriam contar.

Maria não foi encontrada na casa. Apenas a camisola branca, jogada sobre a banheira.